

Comunicação científica em Administração

Scientific communication in Administration

Ana Cláudia Carvalho de Miranda¹

Andrea Vasconcelos Carvalho²

Anatália Saraiva Martins Ramos³

Resumo

O artigo enfatiza o papel primordial da comunicação científica para o progresso da ciência, sendo difusora de resultados dos estudos consolidados pela comunidade acadêmica, como meio de incentivo para futuras pesquisas. O objetivo deste estudo é diagnosticar o perfil da produção científica no campo da Administração, enfocando a década de 2000. Trata-se de um estudo bibliométrico que aborda o crescimento da produtividade acadêmica em Administração mediante estudos de aplicabilidade na análise de questões ligadas à qualidade e credibilidade desse produto, na busca por fornecer um panorama analítico do cenário nacional. Por intermédio dessa aplicação analítica, constatou-se a necessidade de um maior envolvimento e comprometimento por parte dos pesquisadores a fim de produzirem pesquisas com maior embasamento teórico, metodológico, inovador, original e relevante da comunicação científica em Administração brasileira. Além disso, indica algumas considerações para inserção da produção acadêmica em Administração no cenário internacional.

Palavras-chave: Comunicação científica. Produção acadêmica – Administração. Periódico científico.

¹ Mestre em Administração pela UFRN. Bacharel em Biblioteconomia pela UFC. Especialista em Gestão da Qualidade total pela UFRN. Especialista em Gestão de Pessoas pela Facex. Chefe da biblioteca do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte - Brasil - E mail: anaclaudia.biblio@gmail.com

² Doutora em Sistemas de Información y Documentación pela Universidad de Zaragoza - Espanha. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil - E mail: andrea@ufrnet.br

³ Pós-doutorado em Gestão na Université Pierre Mendès-France (UPMF), França. Mestre e Doutora pela COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - Brasil - E mail: anataliamos@gmail.com

Abstract

This work emphasizes the role of scholarly communication regarding scientific progress. Scholarly communication is seen as an element that aims to disseminate and consolidate studies for epistemic communities fostering future research. This work aims to diagnose the profile of scientific production in the field of Administration, focusing the 2000s. The methodology used was bibliometric study in the area. The area has experienced an exponential growth in quantity. The work also deals with studies of issues related to the quality and credibility of the products, seeking to provide an analytical overview of the national scenario. By analysis the need for greater involvement and commitment by researchers in order to produce research with more theoretical, methodological, innovative bases that should be original and relevant for scientific communication in the Brazilian Administration. The work also indicates some considerations considering the insertion of academic production management in the international arena.

Keywords: *Scholarly Communication. Academic production - Administration. Scientific journal.*

1 Introdução

Atualmente, a sociedade é marcada pelo fluxo constante na produtividade de novos conhecimentos acadêmicos como elemento decisivo no processo global de desenvolvimento, gerando um ambiente favorável para os avanços científicos e tecnológicos, em que se considera a informação como fator relevante da publicação científica mais especificamente os periódicos. Para Targino (2000), pensar sobre a importância da ciência requer reconhecer o valor da informação científica, do conhecimento científico, da comunidade científica, e, por conseguinte, da comunicação científica.

A produtividade e a disseminação de conhecimento científico aplicado à área da Administração alcançaram no final do século XX e início do século XXI, uma ampliação inédita tanto do ponto de vista do crescente interesse acadêmico como da oferta de meios de divulgação de conteúdo aplicado, como livros (e ou em capítulos de livros) e artigos publicados nos mais diversos veículos de natureza técnica e científica, *papers* publicados em revistas científicas nacionais

e internacionais etc. (FURRER; SERRALVO, 2008). Tal crescimento deve-se ao fato de a quantidade de artigos publicados em periódicos especializados está em ascensão. Trata-se de um processo contínuo no qual a informação gerada contribui para a geração de novos conhecimentos, realimentando todo o ciclo.

Nessa perspectiva, a informação científica é o insumo básico para o desenvolvimento científico de cada país. A produção científica no Brasil cresce notavelmente em praticamente todos os campos do conhecimento. Segundo relatório do último censo realizado pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, realizado em 2014, revelou que existem 180.262 pesquisadores cadastrados no país, distribuídos em 34.584 grupos de pesquisa e atuando em 536 instituições. Digiampietri et al. (2012) reconhecem o crescimento exponencial da produção científica brasileira nas últimas décadas. Tal fato só estimula o interesse em compreender as características da pesquisa acadêmica no País.

Por outro lado, entretanto, o excesso de informação à disposição da comunidade acadêmica pode levar a certo descontrole, uma vez que as publicações podem não ter sido devidamente avaliadas pelos pares, com o uso de mecanismos de controle de qualidade. Por esse motivo, a área da comunicação científica requer um maior controle quanto ao rigor científico e metodológico, além de abordar conteúdos inovadores.

Consoante Hocayen-da-Silva, Rossoni e Ferreira Júnior (2008), o primeiro estudo da produção científica brasileira em Administração foi realizado por Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), os quais procuraram, mediante uma análise de artigos da área de organizações publicados entre 1985 e 1989, apresentar a necessidade de se avaliar a comunicação científica nacional. Os autores constataram que esses artigos demonstravam certa carência com relação ao conteúdo arrolado no referencial teórico, com predominância de citações estrangeiras. Quanto à metodologia, são restritos em razão do baixo rigor das estratégias de pesquisas empregadas.

Em 2005, a REA – publicações em conjunto com a Editora Atlas – publicou uma coletânea (*Produção científica em Administração no*

Brasil: estado da arte), a qual apresentava um balanço de dez anos do desenvolvimento do campo científico da administração e das suas áreas, no período de 1990-2000, coordenado pelos professores Carlos Osmar Bertero, Miguel P. Caldas e Thomaz Wood Jr, composto por 11 artigos.

A Revista de Administração de Empresas (RAE), em 2013, publicou um número destinado ao balanço do Fórum sobre Produção Científica Brasileira em Administração, organizado pelos professores Carlos Osmar Bertero, Flávio Carvalho de Vasconcelos, Marcelo Pereira Binder e Thomaz Wood Jr., com o intuito de realizar uma nova avaliação e apontar as diretrizes para o fortalecimento do campo científico da Administração, enfocando a década de 2000. Bertero et al. (2013) relatam que, do fórum, extraíram várias conclusões que foram materializadas em cinco artigos, abrangendo as seguintes áreas: Comportamento Organizacional, Gestão de Pessoas, Finanças, Gestão de Operações e Marketing. Em comum, Bertero et al. (2013) expõem uma concepção crítica do crescimento da produção científica brasileira na década de 2000, destacando que tal expansão é acompanhada por algumas vulnerabilidades teóricas e metodológicas consideráveis.

Sendo um assunto de relevância, este estudo justifica-se em função da necessidade de traçar o perfil da comunicação científica em Administração no cenário nacional. Tal medida se faz necessária devido ao fato de que, nas últimas décadas, a produção científica brasileira na área de Administração tem crescido exponencialmente, favorecida pela expansão de novos cursos de graduação em Administração e dos programas de pós-graduação em nível *stricto sensu* (tanto acadêmico como profissional). Apesar desse crescimento exponencial, análises e mapeamento sobre esse fenômeno precisam ser realizados a fim de indicar as possíveis fragilidades na área bem como apontar nichos a serem explorados por esta comunidade científica. Assim sendo, o presente trabalho endereçou as seguintes questões de pesquisa: *como se encontra o panorama da produção científica na área de Administração na década de 2000? Neste cenário, quais são seus pontos fortes e possíveis fragilidades?*

Assim, para abordar o referido problema, foi realizada uma análise de estudo bibliométrico, ou seja, uma revisão sistemática que, na perspectiva de Cardoso et al. (2005), é um dos métodos empregados para mapear e conhecer trabalhos acadêmicos, com o intuito de avaliar a produção científica e incentivar a reflexão desses trabalhos e da área em questão.

Portanto, busca-se descrever as principais características da produção científica em Administração, com o objetivo de contribuir para uma reflexão atual da arte, na década de 2000. Contudo, procurou-se, por meio deste artigo, apresentar um panorama geral da comunicação científica acumulada pela área, com base no levantamento oriundo a partir dos artigos publicados na RAE, volume 53, número 1. Para tanto, nos artigos selecionados, foram analisados o balanço crítico da produção acadêmica nas áreas de Comportamento Organizacional, Gestão de Pessoas, Finanças, Gestão de Operações e Marketing. O critério de escolha desse material considerou o fato de a RAE ser a primeira revista científica brasileira na área, lançada em maio de 1961. Além de ser um periódico pioneiro, de vanguarda e vem se consolidando como uma publicação de referência no meio acadêmico-científico, destacando-se nos níveis mais altos de padrão de qualidade e rigor acadêmico. Atualmente, possui conceito A2 no Sistema Qualis Periódicos na área Administração atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES). Destina-se à publicação de trabalhos científicos com conteúdo produzido por professores da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) e traduzido de periódicos internacionais com o propósito de promover e disseminar a produção do conhecimento, o debate e a socialização de experiências, quando consideradas relevantes para o avanço teórico-prático no campo da Administração.

Nessa linha, este estudo é fundamentado pela necessidade de adquirir mais conhecimento sobre as publicações em relação ao tema proposto, visto que o assunto é de grande utilidade para o universo acadêmico, além de servir de suporte para favorecimento de uma

possibilidade cada vez maior de progresso na comunicação científica em Administração.

2 Comunicação científica

A comunicação científica é uma das etapas do processo da produção do conhecimento. Contribui para a disseminação de pesquisas e estudos, apresentando-se como instrumento para o avanço da ciência e da tecnologia. Além disso, Meadows (1999, p. vii) enfatiza que “[...] a comunicação situa-se no próprio coração da Ciência”. Dessa forma, a pesquisa científica pressupõe sua comunicação. Nessa mesma linha de entendimento, Targino (2007) destaca que a comunicação científica é imprescindível para que a produção científica se expanda, ultrapassando, mais rapidamente, as fronteiras da comunidade de usuário, de forma a evitar que tal produção se torne algo de proveito nulo ou restrito.

Por sua vez, Kuramoto (2012) enfatiza a dependência do avanço científico e tecnológico relacionada à comunicação científica, sendo considerado um desenvolvimento gradativo, que abrange a produção, comunicação e uso do conhecimento científico a fim de materializar a evolução, ou seja, um ciclo gerador de novos conhecimentos, que, por sua vez, se realimentam.

Autores como Meadows (1999), Mueller (2006), Targino (2000), Valério e Pinheiro (2008) atentam para a necessidade de uma análise crítica dos modos de transmissão do saber acadêmico, como meio de propiciar o aprimoramento das pesquisas científicas e inovar nos métodos de elaboração do conhecimento.

Na análise de Targino (1998), a base da *comunicação científica* encontra-se na *informação científica* (Figura 1). Esta origina o conhecimento científico que constitui uma ampliação da intelectualidade universal até o momento existente sobre algum fato ou feito. Pelo fato de a Ciência ter peculiaridades evolutivas com transformações constantes, ela utiliza a *pesquisa científica* como sua principal ferramenta e a *comunicação científica* como seu componente fundamental. Assim,

a informação é considerada, em último grau, a base da comunicação científica, e todo cientista é, ao mesmo tempo, gerador e usuário de informação. Apenas a comunicação científica possibilita adicionar empenhos, compartilhar conhecimentos, impedir duplicação de atividades. O cientista, automaticamente, intercambia informação com seus pares. Funcionando semelhantemente ao computador, a comunicação científica recebe (*input*), processa/apreende (*processing*) e repassa informações (*output*), materializando o ciclo sucessivo de recepção e difusão dos dados. De acordo com a autora, esse é o ciclo que norteia, especificamente, o acesso e o uso da informação científica.

Figura 1 – Representação simplificada do processo de comunicação científica.



Fonte: TARGINO (1998, p. 23).

Desse modo, a comunicação científica exprime essa designação porque, na Ciência, exerce atribuição como difusora da massa de opiniões e dos resultados consolidados pelos pesquisadores, como meio de estímulo e prosseguimento das futuras pesquisas, favorecendo, portanto, as novas evidências, cooperadoras para o incremento da investigação científica e o desenvolvimento científico e tecnológico.

Na percepção de Nunes (2012), a principal função da comunicação científica é dar continuidade ao conhecimento científico, uma vez que permite sua propagação desse saber para outros cientistas, garantindo o desenvolvimento de outras pesquisas, reforçando ou rejeitando os

resultados de pesquisas anteriores, ou criando outros aspectos em campos específicos de interesse. Nesse mesmo entendimento, Miranda e Carvalho (2014) consideram a comunicação científica um meio de escoamento das ideias e das teorias levantadas a partir de métodos sistemáticos de pesquisas, permitindo a divulgação dos resultados e circulação de novos conhecimentos, redesenhando a Ciência como um todo. Ademais, a comunicação científica também é capaz de estabelecer e corroborar novos campos de estudo, o que sedimenta o conhecimento e expande seus horizontes.

Assim, torna-se imprescindível observar a evolução da Ciência, pois esta exerce total influência sobre a comunicação científica, segundo o pensamento de Valério e Pinheiro (2008, p. 160), quando acentuam que “a ciência ganhou mais espaço e com ela a produção do conhecimento, refletida no crescimento da literatura e desenvolvimento de técnicas e especializações de áreas”. Dessa forma, configura-se um crescimento simultâneo das pesquisas com a literatura científica, reunindo e sedimentando a informação que se converte em novos conhecimentos.

O conceito de comunicação científica foi proposto no final dos anos 1930 por John Bernal, para designar o processo específico de produção, consumo e transferência da informação no campo científico (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 97).

De acordo com Meadows (1999, p. 3): “Ninguém pode afirmar quando foi que se começou a fazer pesquisa científica e, por conseguinte, pela primeira vez, houve comunicação científica.” Ainda para o autor supracitado, tal resposta depende especialmente da significação do que seja “pesquisa”. O autor menciona também que as atividades impactantes mais remotas na comunicação científica moderna foram indiscutivelmente as dos gregos antigos. Aduz, ainda, que a comunicação científica pode ser manifestada de formas distintas, sendo que as duas mais frequentes são a falada e a escrita.

Meadows (1999) retrata também que as discussões sobre questões filosóficas realizadas pelos gregos nos séculos V e IV a.C. induziram a comunicação científica moderna, e sabe-se também que eles se valiam

da fala e da escrita para comunicar as pesquisas científicas, sendo as obras da época, notadamente as de Aristóteles, as que mais cooperaram para a tradição da comunicação da pesquisa na forma escrita. Os debates, conservados de forma precária em manuscritos reproduzidos repetidamente, influenciaram, de início, a cultura árabe e, em seguida, a Europa Ocidental.

No século XV, com o surgimento da imprensa de Gutenberg, houve um aumento vertiginoso na disponibilidade de textos impressos na Europa, ensejando um crescimento da produção média de livros, o que ocasionou um impulso na propagação das informações, mediante a capacidade de multiplicar os exemplares de um livro e dos fascículos dos periódicos (MEADOWS, 1999).

Esse fato representou um marco importante para a Ciência, pois acarretaria agilidade na difusão das pesquisas. Segundo Meadows (1999), o surgimento da imprensa também eliminou os erros advindos da transcrição repetida dos manuscritos e permitiu a utilização de gráficos, tabelas e ilustrações nos textos científicos.

Diante do exposto, de forma concisa, pode-se dizer que o texto impresso possibilitou a troca contínua de conhecimento entre os indivíduos, favorecendo a comunicação científica que é:

[...] a comunicação que incorpora as atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até que a informação acerca dos resultados é aceita como constituinte do estoque universal de conhecimentos. (GARVEY; GRIFFITH, 1979 apud TARGINO, 2000, p. 77)

Vê-se que esse tipo de comunicação se baseia essencialmente no trato de objetos de informação no sentido de permitir a produção em maior escala. Ainda sobre o mesmo assunto, a autora pondera: “É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem.”

(TARGINO, 2000, p. 77). A comunicação científica torna-se um meio de escoamento das ideias e teorias levantadas por métodos sistemáticos de estudo, permitindo a divulgação e circulação de conhecimentos, configurando a Ciência como um todo.

Portanto, a comunicação científica se tornou vital para a Ciência, pois, além de disseminar os resultados das pesquisas, propicia a proteção da propriedade intelectual pela identificação de seu produtor e consolida o conhecimento por meio da análise e aceitação dos resultados pela comunidade científica. Reafirmando esse entendimento, Mueller (2012) destaca o papel da comunicação na Ciência, estando este associado ao fato de que, para ser conceituado como científico, um conhecimento proveniente dos resultados obtidos por meio dos estudos de um pesquisador deve ser válido também para outros pesquisadores.

Esse julgamento dá-se em duas etapas. A primeira ocorre no momento anterior à publicação, com a submissão dos manuscritos ao crivo dos avaliadores. Caso estes entendam o conteúdo do texto do candidato à publicação como relevante, ele – assim – encontra-se habilitado para publicação em revista científica. A segunda etapa surge posteriormente à publicação, pois o artigo estará exposto a críticas pelos demais pesquisadores. Assim, esse conhecimento publicado poderia ser de grande contribuição para outros estudos, gerando mais saberes. Estará sujeito, contudo, mesmo após a publicação, a ser avaliado como incorreto ou não mais correto diante dos novos entendimentos dos cientistas. Por fim, caso os resultados de uma pesquisa, se não forem validados em conformidade com as normas da ciência e promulgados em instrumentos tidos como autênticos pela área indagada, não serão classificados como conhecimento científico.

Packer e Meneghini (2006) enfatizam que os autores, ao publicarem seus artigos, buscam sua revisão, credenciamento, leitura e citação pelos pares. Portanto, quanto maior for a visibilidade de um periódico, maior será a probabilidade de os seus artigos serem consultados, lidos e citados, e de serem ainda incluídos em índices de prestígio nacional e internacional, principalmente no tocante ao campo temático.

Desse modo, a comunicação científica é uma ferramenta essencial para a transmissão de conteúdos. Nesse sentido, o periódico científico é o principal instrumento para o desenvolvimento e o aumento da produtividade científica. Além disso, como Patalano (2005) acrescenta, o conhecimento científico se desenvolve a partir do conhecimento das investigações realizadas anteriormente e publicadas nas revistas científicas.

Portanto, com as facilidades de acesso à comunicação científica, houve um incremento da produção acadêmica em todas as áreas do conhecimento, incluindo o campo da Administração. Assim, com o fim de melhor compreender este fenômeno na área administrativa, dissertar-se-á, na seção seguinte sobre a evolução da produtividade, a qualidade e o rigor científico do conteúdo produzido nessa área.

3 Produção científica em administração

A produção científica brasileira na área de Administração expandiu-se consideravelmente nos últimos 20 anos. Prova disso é a multiplicação, na última década, dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, tanto profissionais quanto acadêmicos, efetuada nessa área, que ainda conta com o incremento no contingente de trabalhos universitários recebidos em eventos renomeados ligados a ela, organizados pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração – ANPAD (BERTERO et al., 2013). Outro aspecto importante para retratar essa explosão da produção acadêmica é a multidisciplinaridade das subáreas da Administração.

Embalados por essa dinâmica, os periódicos científicos nacionais cresceram tanto em quantidade quanto em qualidade, inclusive os eletrônicos, com o intuito de dar vazão ao produto científico local, principalmente pelo fato de a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ter instituído, em 1976, um sistema de avaliação de pós-graduação com base na produção científica de cada programa, tendo o objetivo de garantir um padrão de excelência

estabelecido para os cursos de mestrado e doutorado, bem como de detectar os cursos que não correspondem a esse padrão.

A CAPES realiza um acompanhamento anual, e a avaliação se tornou quadrienal, que será realizada em 2017 (concernindo aos anos 2013-2016), do desempenho de todos os programas e cursos que integram o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). A partir disso, a produtividade científica, especialmente de artigos de periódicos, tornou-se uma preocupação para a comunidade acadêmica. Nesse prisma, Nascimento (2010, p. 591) destaca a política de valorização do artigo científico instituída pela CAPES, considerando a dificuldade de avaliação para averiguar a qualidade pelos *referees* do periódico ao qual é submetido, sendo que a qualidade do periódico é indicada por seu fator de impacto (medida utilizada pelo *Journal Citation Report* (JCR), de propriedade da Empresa Thompson-Reuter, para classificar os periódicos científicos). O autor incomoda-se com o “surto produtivista” decorrente dessa forma de avaliação.

Embora em franca ascensão, do ponto de vista quantitativo, o produto acadêmico em Administração é alvo de uma preocupação permanente pela busca por melhorias significativas no seu padrão de qualidade. Em relação a isso, Caldas (2003, p. 66) exprime a ideia de que “um campo científico que apenas cresce quantitativamente, mas que não se prova vigoroso em qualidade, torna-se irrelevante, seja para a prática, seja para a teoria, ou – pior ainda – para ambos os lados dessa única moeda”. Como destacam Bertero, Caldas e Wood Jr. (2005), num balanço do progresso científico no campo da Administração, abrangendo o período de 1990 a 2000, muitos estudos apontam esse crescimento quantitativo, mas não qualitativo, além de apresentarem vulnerabilidade teórica, metodológica e pouca inovação. Nessa trilha, Fidalgo e Fidalgo (2009) chamam atenção para as críticas sobre o “produtivismo acadêmico” na medida em que promove a intensificação do trabalho docente, e substantivo aumento do estresse laboral (PITA, 2010). Conforme retrata Moreira (2009, p. 30), “cada vez mais, o professor se vê julgado em função do número de artigos escritos e consegue divulgar em periódicos e coletâneas, confirmando-

se a já corriqueira expressão ‘publique ou pereça’. Essa nova conjuntura interfere profundamente na qualidade dos artigos, haja vista o fato de docentes e discentes estarem mais preocupados com a quantidade de suas publicações do que com o padrão de excelência das pesquisas.

A esse quadro, acrescentamos as palavras de Alcadipani (2011, p. 1176), “o produtivismo acadêmico impera”, ou seja, a quantidade de artigos se tornou sinônimo de qualidade. O autor recomenda aos professores não adicionarem seus nomes em trabalhos de autoria dos alunos sem ao menos terem dado alguma contribuição. Ele assinala que hoje a produção acadêmica em Administração é realizada em grande escala por alunos. Na verdade, os professores precisam se empenhar mais na pesquisa e na produção intelectual, atuando como colaboradores no aperfeiçoamento e no rigor científico dos textos produzidos pelos alunos para, assim, agregarem seus nomes como coautores das publicações.

Alcadipani (2011) assevera, ainda, a existência de uma verdadeira terceirização das tarefas dos professores para seus alunos, em virtude da pressão exercida pelo sistema que cobra produção científica juntamente com o desempenho de outras tarefas, como cargos da burocracia acadêmica, dar consultorias e lecionar em cursos de especialização. O autor supracitado ainda faz menção à rara competência dos pesquisadores burocratas.

No que tange ao estado da arte em Administração, Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990) e Bertero e Keinert (1994) salientam que a produção brasileira tem uma inclinação predominantemente acadêmica, tanto na temática quanto no estilo de abordagem. Nesse mesmo pensamento, Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) mencionam que os trabalhos nacionais são realizados como exercícios de autodesenvolvimento e que deveriam se empenhar em darem continuidade a pesquisa na área, contribuindo desse modo, para a construção do estado da arte. De acordo com Hocayan-da-Silva, Rossoni e Ferreira Júnior (2008), metaestudos se intensificaram nos últimos anos, alguns focando o campo da administração de forma

ampla e outros analisando disciplinas específicas como: estratégias, organizações, marketing, recursos humanos, sistema de informação, finanças, contabilidade etc.

Num estudo realizado por Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), percebe-se que, no período de 1985 a 1989, a produção científica em Administração demonstrava qualidade incerta, com foco funcionalista e de “tom prescritivo”, ou seja, os trabalhos acadêmicos são de cunho predominantemente investigativo, buscando somente evidenciar as partes formadoras do sistema e suas funções, sem uma preocupação crítica dos elementos envolvidos no processo e sem uma busca pela inovação e evolução científica da matéria. Tais trabalhos também teriam como fim a emissão de recomendações para a solução de problemas e o auxílio aos gestores na administração de suas organizações, configurando-se daí o tom prescritivo.

Nessa mesma senda, em pesquisa realizada por Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999), evidenciou-se, inicialmente, o fato de que a produção científica brasileira em Administração permanecia, nos últimos anos anteriores a 1999, com qualidade duvidosa e pouco original, intensamente influenciada por uma visão de mundo organicista (própria da Teoria dos Sistemas) e de aptidão funcionalista. Como agravante, esses autores perceberam que parte considerável da produção acadêmica empregava como referências publicações de autores estadunidenses de foco gerencialista, de cunho puramente organicista, ou seja, sem uma preocupação analítica crítica dos conceitos e teorias, mas atendo-se predominantemente na funcionalidade das partes envolvidas no processo gerencial. A isso, soma-se a qualidade equivocada destas publicações, pois oriundas mais das livrarias de aeroportos do que das bibliotecas universitárias, provocando um expressivo descrédito de autores e obras mais relevantes e consistentes, produzidas em centros científicos mais consagrados do país.

Por sua vez, Freitas (2011) afirma que a supervalorização da produtividade acadêmica gera, com frequência, uma fragilidade da qualidade da produção científica. O autor faz menção de que nos

congressos e nas revistas acadêmicas há a propagação de uma inegável ausência de aprofundamento dos conteúdos abordados, além de pouca inovação teórica e metodológica. Essa observação é sustentada por Alcadiyani (2011, p. 1175) ao enfatizar que “[...] ano após ano nestes encontros: artigos fracos, discussões rasas, falta de inovação conceitual, argumentos pouco rigorosos, artigos metodologicamente pífios”. Assim, fica comprovado, ante a massiva produção acadêmica, um mero processo de repetição de assuntos exaustivamente estudados, mas bem estruturados conforme o parecer dos avaliadores.

Na concepção de Caldas (2003), há uma necessidade de um rigor maior por parte da comunidade acadêmica, a fim de promover o compromisso de garantir a qualidade da produção científica em Administração. Cumpre ressaltar que, percebendo tal necessidade, a Academia Brasileira de Administração, sobretudo por meio do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD), passou a se dedicar a estudos introspectivos de sua produção, buscando compreender se, junto ao crescimento quantitativo expressivo observado nos últimos 20 anos, está ocorrendo também uma evolução qualitativa.

O mesmo problema da qualidade da produção científica em Administração é criticado por Furrier e Serralvo (2008), ao afirmarem que a quantidade de conteúdo produzido nessa área, embora expressiva e representativa das mais variadas vertentes do pensamento, não foi suficiente para corresponder à satisfação almejada, a não ser aos interessados em utilizar a Teoria em Administração com a perspectiva de abordarem de uma ciência aplicada ou, ao menos, de uma disciplina acadêmica.

De forma geral, uma área sem apresentação de qualidade científica teria pouca ou quase nenhuma serventia para contribuir com o avanço da Ciência. Caldas (2003) enfatiza que um campo sem qualidade científica seria totalmente ignorado fora dele próprio: somente apresentaria utilidade para atender a requisitos burocráticos das instituições oficiais de credenciamento, e sua produção seria subutilizada, apenas consultada

por um público reduzido de docentes-autores que tivessem interesse no conteúdo abordado.

Alcadipani (2011) critica a invasão da lógica generalista no contingente acadêmico e acentua que esta concorre para muitas distorções, pois não produz conhecimento, finge “escrever algo significativo” em forma de *papers*. Segundo o mesmo autor, tal fenômeno pode ser explicado pelo fato de que na pós-graduação brasileira, a maioria das disciplinas requer que sejam produzidos *papers*, mesmo antes de os alunos obterem qualquer conhecimento. Assim, recomenda aos professores o incentivo e motivação de seus alunos ao amplo estudo e leitura dos temas a serem propostos na pesquisa, para, só posteriormente, realizarem a escrita do texto. Agindo dessa forma, o autor entende que a indesejada lógica generalista poderá ser afastada, dotando os trabalhos de qualidade e conteúdo que irá fazer a diferença no mundo acadêmico.

Wood Jr. e Chueke (2008) realizaram uma avaliação quantitativa da evolução da produção científica brasileira em Administração de Empresas, no recorte temporal de 2002 a 2006. Segundo eles, esse período refletiu um notável avanço na produção desse campo científico, em virtude da criação de eventos no âmbito da ANPAD e da instituição de mais revistas científicas, algumas delas com periodicidade irregular. A análise do *ranking* da produção científica dos principais programas brasileiros de Administração de Empresas não revelou grandes surpresas. As instituições mais bem alocadas são as tradicionais, no tocante à pós-graduação em Administração de Empresas, tendo seus programas bem conceituados pela CAPES. Por ofertar um programa recente de pós-graduação, a novidade nesse *ranking* foi a oitava colocada, a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Na visão de Wood Jr. e Chueke (2008, p. 28), “o alto nível de concentração da produção científica no Brasil: as dez instituições mais bem colocadas no *ranking*, de um total de mais de cem instituições que tiveram produção registrada, respondem por quase 60% da produção local”. Considerando apenas os periódicos examinados, a primeira

colocada do *ranking*, a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), publica quase quinze artigos por ano; a décima colocada, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), publica somente quatro artigos por ano; e a vigésima colocada, o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC-RJ), divulga somente um artigo por ano.

É válido salientar que os trabalhos científicos sustentados em eventos não possuem o mesmo peso acadêmico que os artigos publicados em revistas científicas, pois aqueles não são avaliados com tanto rigor, em razão de serem analisados em um curto período de tempo. Entretanto, apesar de ser um evento, “o EnANPAD por sua história, porte e amplitude, constitui hoje, provavelmente, o melhor “termômetro” para a produção científica brasileira” (WOOD JR.; CHUEKE, 2008, p. 28). Conforme também é destacado por Machado-da-Silva et al. (2008, p. 359), o EnANPAD “é considerado o evento científico da área de administração mais importante do país”.

Por outro lado, para se publicar um artigo nos periódicos nacionais de maior impacto na área, é necessário que ele passe por um rigoroso e demorado processo de avaliação, cujo propósito é verificar se oferece realmente alguma contribuição significativa, com novas abordagens e inédito. Conseqüentemente, o tempo médio para a aprovação de um artigo é um problema, pois se estende por vários meses. Com isso, a publicação dos resultados de pesquisas importantes ocorre com atraso.

A avaliação de periódicos no campo da Administração considerada mais importante, conforme Machado-da-Silva et al. (2008), é aquela decorrente do uso do Sistema Qualis, da CAPES. Instituído em 1998, ele promove a análise regular de periódicos, realizada por comissões de especialistas, contribuindo, dessa forma, para o aperfeiçoamento e a avaliação da produção científica dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Nesse contexto, convém observar que o sistema Qualis é fundamentado em critérios estabelecidos pela CAPES e possibilita, assim, um *ranking* dos periódicos por área do conhecimento científico, mediante um sistema de avaliação que considera basicamente dois

fatores: qualidade (alta, média ou baixa, níveis equivalentes aos conceitos A, B e C) e circulação (internacional, nacional ou local).

Desse modo, quanto mais bem avaliadas, as revistas tornam-se fontes de informação mais seguras para os pesquisadores, atestando não só a competência do veículo que fornece e avalia tais informações, como também de seus autores.

De acordo com Witter (2006), tais considerações reforçam a noção de que a avaliação do produto científico é um processo complexo que vem se aprimorando nos últimos anos e que para ser executada a contento, demanda mecanismos que garantam objetividade e precisão. Além disso, o conhecimento é algo em constante avanço, o que acarreta, também, a necessidade de aperfeiçoamento dos critérios e das técnicas de avaliação das pesquisas. Sendo assim, devem ser sempre buscadas medidas mais eficazes no sentido de garantir confiança e credibilidade ao resultado das avaliações realizadas.

4 Metodologia

O estudo buscou evidenciar a trajetória da produção científica em Administração por um período de 10 anos (2000 a 2009), baseado nos estudos bibliométricos para a análise dos dados, extraídos dos artigos publicados na RAE, volume 53, número 1, 2013, destinado ao balanço do Fórum sobre Produção Científica Brasileira em Administração da produção acadêmica nas áreas de Comportamento Organizacional, Gestão de Pessoas, Finanças, Gestão de Operações e Marketing.

Nos artigos selecionados, foram analisados os seguintes quesitos: rigor metodológico e científico, originalidade, conteúdo inovador, por meio de técnicas bibliométricas, que segundo Guedes e Borschiver (2007), quantifica, descreve e prediz o processo de comunicação escrita.

5 Análise dos resultados

De acordo com o levantamento realizado nos artigos publicados no periódico da RAE já citados, na década analisada, no Brasil. Com

relação à análise da produção científica na área de Comportamento Organizacional (CO), incidindo sobre os principais periódicos em Administração: Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Pública (RAP), Revista de Administração Contemporânea (RAC), Revista de Administração Mackenzie (RAM) e Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP). De 1.895 artigos analisados, 185 foram considerados pertencentes à área do CO. No estudo realizado por Sobral e Mansur (2013), revelou que essa área já estabeleceu identidade própria, contudo ainda num estágio inicial de evolução, evidencia uma grande diversidade de temas, com ênfase para a cultura e a aprendizagem. Por sua vez, os autores fazem menções sobre a necessidade de ampliar as pesquisas com relação à escolha epistemológica e técnicas apropriadas que certifiquem com maior valor científico. Outro aspecto importante na identificação do perfil da produção acadêmica pelos mesmos autores foi, também, a predominância da abordagem qualitativa, ressaltando, porém, algumas fragilidades metodológicas e, por fim, sugerindo caminhos para reverter essa situação:

Ainda conviria observar que, devido ao viés metodológico dos estudos realizados, há necessidade de se ampliarem as pesquisas no que diz respeito à escolha epistemológica e utilização de métodos e técnicas adequadas a ela, o que garantiria maior validade científica e, portanto, maior contribuição para o campo de CO. Paralelamente, poderia haver uma intensificação de estudos no nível e utilização de abordagens em vários níveis, além do aumento de estudos inferenciais, com base em experimentos e testes controlados. Para a consolidação do campo nos próximos anos, as pesquisas deveriam, ainda, adotar perspectivas mais amplas em relação a questões teórico-metodológicas, submetendo teorias a testes empíricos mais robustos. A literatura indica que o CO adotou internacionalmente uma metodologia preferencialmente quantitativa, enquanto a produção científica nacional analisada indica preferência por metodologia qualitativa. Seria aconselhável que se buscasse uma produção mais

equilibrada, usando ambas as metodologias. (SOBRAL; MANSUR, 2013, p. 33).

A pesquisa evidenciou, ainda, que a área de CO representa uma pequena fração das publicações em estudos organizacionais no Brasil. Contudo, a área possui uma temática bastante ampla, em função da multidisciplinaridade das influências, mas distintas dos estudos internacionais, mesclando estudos com foco predominantemente na organização, entretanto, também no indivíduo. Essa multidisciplinaridade pode revelar que a *multissuperficialidade* temática e metodológica pode detonar numa fragilidade do campo.

Já na área de Gestão de Pessoas, cuja análise fora realizada por Mascarenhas e Barbosa (2013), avaliaram-se 32 textos, publicados em três periódicos (RAE, RAC e RAUSP), entre 2000 e 2010. A análise apontou os seguintes problemas: dificuldade de os autores sistematizarem os estudos prévios para contextualizar sua perspectiva; fragilidade na conexão entre a teoria e a metodologia; justificativas insuficientes; procedimentos metodológicos com pouco detalhamento; pouca reflexão com base nos dados analisados. Diante dessa realidade apresentada pelos autores supracitados, pode-se aferir, numa superficialidade das discussões, um ponto a destacar quanto a isso ser o limite de páginas estipulado pelas normas editoriais dos periódicos, que visa encurtar a discussão exposta pelo autor.

De acordo com os mesmos autores:

Construir o impacto da produção brasileira em Administração dependeria de se aprofundar o entendimento sobre sua relevância. [...] Dois caminhos para reflexão emergiriam. O primeiro seria analisar para quem escrevemos. Segundo Spink e Alves (2011), o dilema de instituições e pesquisadores seria, na prática, privilegiar certas agendas com as quais se engajar. Diante da tendência pela internacionalização, esse dilema se resumiria à escolha entre a produção de relevância às agendas anglófonas, concebida implicitamente como agenda internacional, mas relevante principalmente aos

países de língua inglesa, e a produção de relevância local, que refletiria o modelo da universidade comprometida com a sociedade civil, que direciona atenção à problemática local sem descuidar de processos globais subjacentes. Segundo caminho seria analisar o que escrevemos. Aqui valeria a proposição de Rousseau, Manning e Denyer (2008), para quem somente a síntese de um corpo de evidências científicas revelaria implicações consistentes à prática, abrangendo acúmulo, análise e interpretação de um conjunto de textos. Dado o volume atual da produção científica nacional, seria desejável identificar e sistematizar a contribuição dos textos, sintetizar o conhecimento sendo acumulado, refletir sobre seus limites e desdobramentos, e indicar caminhos para desenvolvimento futuro. (MASCARENHAS; BARBOSA, 2013, p. 42).

No tocante à área de Finanças, analisada por Leal, Almeida e Bortolon (2013), foi publicado um importante levantamento da produção científica brasileira no período de 2000 a 2010. Nesse trabalho, os autores realizaram uma avaliação bibliográfica quantitativa e qualitativa em 11 periódicos científicos nacionais das áreas de Administração, Contabilidade, Economia e Produção, totalizando 3.417 artigos, dos quais 461 foram considerados como da esfera das Finanças. A pesquisa constatou um crescimento qualitativo da pesquisa em Finanças no Brasil aquém do ideal. Ademais, viu-se que a produtividade dos pesquisadores permaneceu baixa e que existiam poucos artigos em inglês para contribuir com a difusão internacional. Outro problema observado é que as áreas temáticas mais comuns, “finanças corporativas” e “gestão de investimentos”, refletem a abundância de dados de empresas com ações em bolsa, negligenciando as demais. Não obstante, aquilo que os autores evidenciaram como principal fragilidade nesses trabalhos foi a pouca inovação teórica e metodológica, visto que a maior concentração deles replica pesquisas empíricas estrangeiras, impossibilitando sua promulgação em periódicos internacionais de grande impacto. Isso pode representar um problema associado à falta de motivação dos autores, revelando a busca de conveniência ao deixar de cultivar seu potencial

para criatividade se distanciando do que deveria ser a atividade de iniciação científica. A maior concentração dos autores em finanças ainda é prolífica, com poucos indivíduos das regiões Sudeste e Sul.

No que tange à área de Gestão de Operações, Paiva e Brito (2013) publicaram um estudo sobre a produção acadêmica brasileira, ocorrida entre os anos de 2000 e 2010, considerando dois fatores complementares: a relevância e o rigor científicos. A princípio, foram selecionadas revistas com Qualis A2 vinculadas a associações ou escolas de Administração e que publicam trabalhos na área em questão. Nesse primeiro grupo, foram analisadas nas seguintes revistas: *Revista de Administração Contemporânea* (RAC), *Revista de Administração de Empresas* (RAE) e *Brazilian Administration Review* (BAR). Complementarmente, analisaram-se os periódicos internacionais mais importantes ligados a essa mesma área. No segundo grupo, foram inseridos os seguintes títulos de periódicos: *Journal of Operations Management* (JOM), *Production and Operations Management* (POM) e *International Journal of Operations & Production Management* (IJOPM). Acrescentou-se, ainda, o *International Journal of Production Economics* (IJPE), que continuamente têm publicado artigos de pesquisadores brasileiros e ficam no limite entre os campos da Administração e da Engenharia de Produção. Na análise dos autores, existe uma grande proximidade do que é publicado nos artigos científicos brasileiros com o que se publica nos periódicos internacionais, indicando certo nível de afinidade, quando se representa questão relativa ao plano de produção.

Quanto ao rigor científico, na área de Gestão de Operações, Paiva e Brito (2013) alertam para a necessidade de um esforço adicional para minimizar a lacuna histórica de inserção internacional, ou seja, a produção científica brasileira deve se alinhar ao nível de rigor metodológico das publicações de ponta no cenário internacional. Assim, inicialmente, segundo os mesmos autores, os estudos fundamentados, tanto em *survey* como em métodos qualitativos, necessitam aproximar-se do nível de rigor metodológico das publicações de primeira linha internacional. De acordo com os autores, os métodos menos empregados nos periódicos brasileiros, como experimentos, uso de dados secundários e

pesquisa-ação, consideram-se também oportunidades para incremento das pesquisas em nível nacional. Pois tais métodos proporcionam como benefício potencial sua proximidade com o mundo empresarial. Entretanto, também é relevante a utilização de múltiplas metodologias associadas, inseridas em projetos de pesquisa abrangentes. Diante desse cenário, Paiva e Brito (2013, p. 64) deixam um “[...] desafio para os nossos programas de mestrado e doutorado se inserirem nessa empreitada e formarem futuros pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas com essas orientações”.

Tendo como base essas informações, no campo de Gestão de Operações, é possível inferir quanto à necessidade de elevar o nível das abordagens metodológicas a fim de se enquadrarem nos padrões para publicações internacionais. Portanto, é recomendável que os Programas de Pós-Graduação em Administração capacitem seus alunos quanto às novas exigências metodológicas no nível de aceitação internacional.

Em outra pesquisa, apreciando a produção científica brasileira em Marketing, entre 2000 e 2009, Mazzon e Hernandez (2013) realizaram uma verificação mais abrangente, correspondendo a um montante de 1.272 artigos. Os autores perceberam que ocorreu um crescimento quantitativo expressivo no campo de estudo em questão, o que é um fator muito positivo, mas também afirmam que alguns aspectos merecem reflexão mais embasada. Eles destacam a importância dos congressos como veículo para disseminação da produção intelectual brasileira e também apontam o tema do comportamento do consumidor como aquele que mais atrai pesquisadores. Esse fato sugere que, de forma geral, a grande vulnerabilidade dos trabalhos está na falta de inovação, sobretudo na questão metodológica, conferindo a isso a barreira que impede a sua publicação em periódicos de maior importância, notadamente nos internacionais.

Outro aspecto importante constatado por Mazzon e Hernandez (2013) foi o crescimento na participação das mulheres no conjunto da produção acadêmica no campo do *marketing*. Os autores citados também evidenciaram, além desse enfoque quantitativo, que professores

e pesquisadores desenvolvem seus estudos, predominantemente, para publicações em áreas de maior relevância para a sociedade brasileira, como Cultura e Consumo e Marketing e Sociedade e, além disso, sem deixar também de contribuir nas demais áreas do conhecimento de Marketing, voltadas especialmente para Gestão de Produtos e Marcas, Gestão da Comunicação, Comportamento do consumidor e Marketing de Serviços e Relacionamento.

Com os diversos estudos citados sobre a produção científica no campo da Administração, em algumas de suas diversas áreas, os autores mostram uma dimensão crítica do crescimento da produção científica no Brasil. Foi visto que a produção brasileira progrediu e se ampliou, mas continua dando reflexos de instabilidade teórica e metodológica consideráveis, o que a torna ainda pouco relevante em sua lenta inserção no mercado editorial internacional.

6 Considerações finais

Ante o exposto no referencial teórico, verifica-se o insigne papel da comunicação científica para o avanço da Ciência, tendo em vista que, por seu intermédio, ocorre a disseminação do conhecimento, a interação da comunidade acadêmica e a legitimação do conteúdo veiculado, solidificando, desse modo, a geração de novos conhecimentos científicos e tecnológicos.

Verificou-se um crescimento exponencial mais quantitativo nas últimas décadas na produção científica nacional com foco em Administração, em razão da supervalorização da produtividade acadêmica que, por sua vez, contribui para uma fragilidade da qualidade. Nesse sentido, Amboni (2011), Bertero, Caldas, Wood Jr. (1990), Freitas (2011), Furrier e Serralvo (2008) criticam a quantidade expressiva de conteúdo produzido na área. Ademais, esses autores admitem a necessidade de inovação, discussões com mais aprofundadas, maior rigor metodológico e originalidade.

Apesar de o estudo não reunir toda a produção nacional sobre Administração, visto que abarcou apenas os artigos publicados na RAE,

volume 53, número 1, considerando o período de 2000 a 2013, ele permitiu traçar um importante panorama da abordagem científica, considerando-se a literatura analisada sobre a comunicação científica brasileira em Administração, abrangendo as seguintes áreas: Comportamento Organizacional, Gestão de Pessoas, Finanças, Gestão de Operações e Marketing, além de evidenciar um crescimento exponencial na produção de novos conhecimentos. No entanto, tal expansão é acompanhada por algumas vulnerabilidades teóricas e metodológicas consideráveis.

No que concerne à produção científica em Comportamento Organizacional no campo da Administração no Brasil, verificou-se haver um crescimento louvável e significativo nos últimos anos, com temática bastante abrangente, construção de uma identidade própria e um predomínio quanto à abordagem qualitativa. Mas, por outro lado, esse crescimento é preocupante por ter apresentado alguns pontos fracos no que se refere a algumas fragilidades metodológicas.

Quanto ao panorama da produção acadêmica na área de Gestão de Pessoas, demonstrou que os autores têm dificuldade em sistematizar sua contribuição. Uma vez que o esforço empregado para elaboração da justificativa e contextualização dos objetivos não aponta ao que o estudo se propõe. No entanto, é recomendável um aprofundamento no amadurecimento das ideias exposto pelas convergências e divergências apresentadas na literatura que justifiquem sua colaboração de forma clara e objetiva.

Foi também possível observar um crescimento qualitativo da pesquisa em Finanças no Brasil, aquém do ideal. Por outro lado, a principal fragilidade das publicações no campo de finanças é a pouca inovação teórica e metodológica, visto que uma parcela significativa dos artigos reproduz pesquisas empíricas estrangeiras, impossibilitando publicações internacionais em periódico de grande impacto. Com relação à concentração dos autores em finanças, a maioria ainda é prolífica, com poucos indivíduos das regiões Sudeste e Sul.

Já na área de gestão de operações, foi constatado como aspecto positivo uma enorme semelhança do que é publicado nos

artigos científicos nacionais com o que se dissemina nos periódicos internacionais, apontando certo nível de compatibilidade. Com relação ao rigor científico, é preciso um empenho adicional para reduzir a lacuna histórica de inserção internacional, e quanto ao nível da abordagem metodológica, é necessário melhorar, com vistas a se ajustarem as diretrizes para se publicar internacionalmente.

No que concerne à produção acadêmica em *marketing*, foi verificado como ponto positivo um crescimento significativo, mas ainda apresenta conteúdo quase sem inovação, principalmente no que se refere à metodologia, dificultando sua publicação em revistas científicas brasileiras de padrão mais elevado, especialmente no cenário internacional.

Para garantir o fortalecimento da produção científica em Administração brasileira e introduzi-la no mercado editorial internacional, é necessário um compromisso maior pela comunidade acadêmica em estudar bastante os temas que pretende desenvolver, para, assim, escrever textos com maior embasamento teórico e inovador.

Tal constatação permite inferir que a divulgação dos resultados das pesquisas é apenas uma das etapas do processo da produção do conhecimento. No entanto, estratégias devem ser implementadas na área de formação, nos cursos de graduação e pós-graduação no campo da Administração no Brasil voltado à produção das pesquisas e à divulgação dessas produções. Faz-se necessário motivar os acadêmicos criativos, envolvendo-os nas atividades de pesquisa e extensão; incentivar os alunos a agregar num grupo de pesquisa das universidades com um objetivo comum, cabendo aos pesquisadores a responsabilidade de remeterem seus manuscritos a revistas arbitradas, referendando outras publicações nacionais da área, publicadas em revistas brasileiras e aos editores de revistas cabe a adoção de esforços para melhoria da qualidade editorial e a indexação em bases de dados nacionais e internacionais. Esses podem ser considerados os desafios na formação de novos administradores.

Portanto, ao analisar o perfil da produção acadêmica em Administração e seu caráter temático e metodológico apresentados neste estudo, foi possível propor uma reflexão acerca da possível relação existente entre o grande crescimento na produtividade científica e a qualidade das pesquisas nelas contida.

Referências

ALCADIPANI, R. Resistir ao Produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, dez. 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5241>>. Acesso em: 5 jul. 2015.

BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD JR., T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 147-178, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65551999000100009>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD JR., T. **Produção científica em Administração no Brasil: o estado-da-arte**. São Paulo: Atlas, 2005.

BERTERO, C. O.; KEINERT, T. M. M. A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-93). **RAE**. São Paulo, v. 36, n. 3, p.81-90, Mai./Jun.1994. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901994000300008.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

BERTERO, C. O. et al. Produção científica brasileira em administração na década de 2000. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 12-20, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_0034-7590201300100002.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2016.

CALDAS, M. P. “Contribuição teórica”: como assim, cara pálida? **RAE**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 65-68, jul./set. 2003. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902003000300007.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

CARDOSO, R. L. et al. Pesquisa científica em contabilidade entre 1990 e 2003. **RAE**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 14-25, 2005. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902005000200004.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DIGIAMPIETRI, L. A. et. al. Dinâmica das relações de coautoria nos programas de pós-graduação em computação no Brasil. In: Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining, 1, 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba: CSBC, 2012.

FIDALGO, N. L. R.; FIDALGO, F. (Org.). Trabalho docente e lógica produtivista: conformação e subjetividade. In: FIDALGO, F.; OLIVEIRA, M. A. M.; FIDALGO, N. L. R. (Org.). **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade**. Campinas: Papyrus, 2009.p. 91-112.

FREITAS, M. E. O pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1158-1163, dez. 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5239/3973>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

FURRIER, M. T.; SERRALVO, F. A. A produção de conhecimento em Administração entre as demandas de mercado e a realidade social. **Revista Eletrônica de Gestão de Negócios**, Santos, v. 4, n. 3, p. 30-55, jul./set. 2008. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/155.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

GUEDES, V.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em

sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: CIFORM, 7, Salvador. **Anais...** Salvador: CIFORM, 2005. p.1-18.

HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; ROSSONI, L.; FERREIRA JÚNIOR, I. Administração pública e gestão social: a produção científica brasileira entre 2000 e 2005. **Revista de Administração Pública**, v. 42, n. 4, p. 655-680, jul./ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122008000400002&script=sci_arttext>. Acesso em: 2 fev. 2016.

KURAMOTO, H. Acesso livre: um caso de soberania nacional? In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.145-161.

LEAL, R. P. C.; ALMEIDA, V. S.; BORTOLON, P. M. Produção científica brasileira em finanças no período de 2000-2010. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 46-55, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_0034-7590201300100004_0.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; CUNHA, V. C.; AMBONI, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO Anual da Anpad, 14, 1990, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 1990. p.11-28

_____. et al. Periódicos brasileiros de administração: análise bibliométrica de impacto no triênio 2005-2007. **RAC-Eletrônica**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 351-373, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/periodicos/arq_pdf/a_821.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2015.

MASCARENHAS, A. O.; BARBOSA, A. C. Q. Produção científica brasileira em gestão de pessoas no período de 2000-2010. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 35-45, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_0034-7590201300100004_0.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MAZZON, J. A.; HERNANDEZ, J. M. C. Produção científica brasileira em marketing no período de 2000-2009. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 67-80, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_0034-7590201300100007_0.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2015.

MEADOWS, J. **A comunicação científica**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

MIRANDA, A. C. C.; CARVALHO, M. C. Desenvolvimento de coleções de fontes de informações eletrônicas em bibliotecas universitárias. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n.1, p. 15-28, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/MIRANDA/Downloads/17030-37784-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MIRANDA/Downloads/17030-37784-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em 29 ago. 2015.

MOREIRA, A. F. A cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em Educação no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n.3, p. 23-42, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n3/03.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a04v35n2.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

_____. Literatura científica, comunicação científica e ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.125-144.

NASCIMENTO, L. F. Modelo Capes de avaliação: Quais as consequências para o triênio 2010- 2012? **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 579-600, 2010. Disponível em: <<file:///D:/Documents%20and%20Settings/f156991/Meus%20documentos/Downloads/130-141-1-SM.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

NUNES, R. R. **Diretrizes para formulação de políticas mandatórias para consolidação dos repositórios institucionais brasileiros**.

2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

PACKER, A. L.; MENEGHINI, R. Visibilidade da produção científica. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. (Org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, p. 368, 2006.

PAIVA, E. L.; BRITO, L. A. L. Produção científica brasileira em gestão de operações no período de 2000-2010. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 56-66, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_0034-7590201300100006_1.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2015.

PATALANO, M. Las publicaciones del campo científico: las revistas académicas de América. **Anales de Documentacion**, n. 8, p. 217-235, 2005. Disponível em: <<http://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/3960/3/1501.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

PITA, M. Estresse laboral, assédio moral e burnout marcam produtivismo. **Revista ADUSP**, São Paulo, n. 48, p. 14-21, set. 2010. Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/files/revistas/48/r48a02.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

SOBRAL, F. J. A.; MANSUR, J. A. Produção científica brasileira em comportamento organizacional no período de 2000-2010. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 21-34, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_0034-7590201300100003_0.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação e Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 67-85, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/326/248>>. Acesso em: 2 set. 2014.

_____. **Comunicação científica**: o artigo de periódico nas atividades de ensino e pesquisa do docente universitário brasileiro na pós-

graduação. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

_____. Comunicação científica e estado ou estado e comunicação científica: tanto faz!. In: GIANNASI-KAIMEN, M. J.; CARELLI, A. E. (Org.). **Recursos informacionais para compartilhamento da informação**: redesenhando acesso, disponibilidade e uso. Rio de Janeiro: E Papers, v. 1, p. 21-47, 2007.

VALÉRIO, P. M.; PINHEIRO, L. V. R. Da comunicação científica à divulgação. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n.2, p. 159-169, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/532/512>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

WITTER, G. P. Produção científica: escalas de avaliação. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. (Org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, p. 365 – 368, 2006.

_____. **Catálogo de publicações dos docentes 1990/1994**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1996.

WOOD JR., T.; CHUEKE, G. V. Ranking de produção científica em administração de empresas no Brasil. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 13-31, maio/jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712008000400003&script=sci_arttext>. Acesso em: 3 jun. 2015.

Artigo recebido em: 25/12/2015

Aprovado em: 27/05/2016